

PPGAU EAU UFF

NOME DA DISCIPLINA:

COLONIALIDADE DO PENSAMENTO URBANO:

PLANEJAMENTO TERRITORIAL CONTRA-HEGEMÔNICO, TEORIAS E PRÁTICAS DESCOLONIZADORAS

Período: agosto a dezembro 2021, às sextas-feiras, das 10h às 12h.

DURAÇÃO: 15 semanas

DOCENTE RESPONSÁVEL no PPGAU: Fernanda Sánchez

DEMAIS DOCENTES RESPONSÁVEIS (IFES e IEEs e internacionais): Javier Ghibaudi (PPGE-UFF), Raquel Rolnik, Paula Santoro (FAU-USP), Cibele Rizek (IAU-USP), Ana Fernandes (FAUFBA), Carlos Vainer, Pedro Novais, Regis Coli, Renato Emerson Santos (IPPUR-UFRJ), José Ricardo Farias, Simone Polli (UFPR e UTFPR), Agustin Lao-Montes (University of Massachusetts-EUA), Ariel Garcia (CEUR-CONICET-Argentina), Stavros Stavridis (Architecture – Atenas – Grécia).

PROGRAMA

EMENTA:

O percurso da disciplina obedece à seguinte sequência: (i) inicia-se com uma leitura sobre os conceitos de colonialidade e descolonização no pensamento social; (ii) colonialidade e descolonização do pensamento sobre o território, a geografia, a natureza; (iii) o giro descolonial latino-americano; (iv) questões étnico raciais e o pensamento e prática sobre a cidade; (v) abordagens de gênero, interseccionais no pensamento e prática sobre a cidade; (vi) circulação dos produtos culturais e formas de representação da cidade; (vii) contradições e limites da participação social na teoria e na prática do planejamento territorial; (viii) conceitos contra-hegemônicos de planejamento territorial: contribuições do feminismo, da luta antirracista e do planejamento em contexto de conflitos; (ix) apresentação e análise crítica de algumas das experiências de planejamento contra hegemônico; (x) a questão da representação: ferramentas e metodologias cartográficas contra-hegemônicas e sua contextualização no campo dos ativismos digitais.

OBJETIVOS:

- Realizar uma avaliação crítica das concepções hegemônicas do planejamento territorial, a partir de uma leitura descolonizadora da ciência, do urbanismo e da geografia;
- Rever e discutir parte da ampla literatura sobre a colonialidade do saber e do poder, destacando a construção da questão racial e de gênero;
- Rever a teoria urbana, especialmente os clássicos do urbanismo a partir da crítica decolonial;
- Apresentar os conceitos e as práticas de planejamento territorial contra-hegemônicos no Brasil e outros países do mundo. Refletir sobre as potências, limites e desafios para sua aplicação prática, assim como sua contribuição para a revisão da teoria urbana;
- Debater a ciência, as técnicas e metodologias de planejamento, inclusive no que se refere aos mecanismos e tecnologias de participação.

JUSTIFICATIVA E PERTINÊNCIA EM RELAÇÃO À ÁREA DE CONCENTRAÇÃO E LINHA(S) DE PESQUISA:

Para a História Ocidental, as sociedades, povos e territórios colonizados, a partir da expansão europeia do século XVI, passaram a ser concebidos, projetados, desenhados e construídos, material e simbolicamente, com base em noções, conceitos e categorias mobilizados para

construir a hegemonia branca, patriarcal e capitalista, de forma a justificar mecanismos permanentes de extração de renda e controle político e social.

A rica produção que toma como foco a crítica à colonialidade do saber e do poder que fundamenta estes imaginários constitui, hoje, inspiração fundamental para repensar as cidades, assim como as práticas comprometidas com sua transformação em vastas porções do mundo.

A colonialidade, mais que o colonialismo propriamente dito, está fundada não apenas na conquista e no controle dos territórios, mas na colonização do imaginário. É o imaginário urbano que configura, hoje, a colonialidade do pensamento sobre a cidade, do urbanismo e do planejamento urbano. No entanto, é necessário reconhecer e registrar as práticas contra-hegemônicas que foram e estão sendo experimentadas: planejamento abolicionista, insurgente, conflitual são alguns dos conceitos mobilizados para definir estas práticas.

A disciplina procura introduzir o debate crítico acerca do planejamento territorial no âmbito das discussões acerca de teorias e práticas urbanas decoloniais, incorporando conceitos e formas de ação que hoje estão se configurando, ainda que experimentalmente, no Brasil e no mundo. Estas práticas, para além da redefinição de seus protagonistas e atores, também problematizam o próprio paradigma de cidade que orientou os esforços de transformação urbanística nos países da periferia do capitalismo.

O curso tem por objetivo buscar na rica literatura sobre a colonialidade do saber e do poder elementos teóricos, conceituais e históricos que fundamentem a crítica do pensamento e das políticas urbanas/territoriais (universais) dominantes. Trata-se, também, com base nessa crítica, de pensar as condições de descolonização do pensamento urbano, explorando as possibilidades de imaginar novas cidades e territórios a partir da crítica teórica e das lutas que se desenvolvem nas cidades dos países periféricos da periferia do capitalismo.

A disciplina trata em última análise dos entrelaçamentos entre planejamento, conflito e espaço e se propõe a questionar os limites e potencialidades do planejamento territorial em dirimir desigualdades urbanas e enfrentar coalizões urbanas dominantes. Propõe-se, portanto, a debater em que medida experiências disruptivas de planejamento recente conformam uma prática crítica contra interesses hegemônicos em cidades do Brasil e do mundo.

O curso se baseia na ideia de que há uma potência emancipatória na articulação de planejadores com as lutas por cidades, sobretudo num contexto em que, em pleno século XXI, temos assistido no Brasil e no mundo a expansão de políticas urbanas voltadas a promover e acolher um excedente de capital financeiro, garantindo sua remuneração, em detrimento das necessidades da população. Estas políticas têm provocado um aumento de remoções e despejos de populações vulneráveis, implicando na violação de direitos inscritos em marcos legais e institucionais internacionais.

Em meio a um ambiente onde é muito desigual a correlação de forças em disputa pelo território das cidades, têm emergido experiências de planejamento que acenam para um protagonismo de movimentos, coletivos e ativistas articulados a profissionais de diversas formações disciplinares. Se por um lado, essas experiências revelam poucas e frágeis conquistas, por outro, elas acenam para importantes sinais de resistência de grupos subalternos, em especial, em cidades na periferia do capitalismo; conferindo novos ares ao debate sócio-político e acadêmico, questionando a própria linguagem e os modelos de cidade presentes nas práticas de planejamento e fortalecendo a luta por cidades mais justas.

O curso incluirá exercícios de experimentação em cartografia social, com mapeamentos coletivos, co-criados a partir da interação entre alunos, ativistas, movimentos sociais e

coletivos (que serão identificados e convidados a participar ao longo do processo da disciplina).

Esta disciplina é resultado da cooperação entre vários programas de pós-graduação de diferentes universidades, que atuarão como professores colaboradores em suas diferentes versões. No segundo semestre de 2021 contaremos com professores do IPPUR, USP, UFF, UFPR e UFBA.

CONTEÚDO:

Módulo 1. Colonialidade e Descolonização no pensamento social

Sessão 1 – Palestra de abertura : Prof. Agustin Lao Montes: Colonialidade e Modernidade

Sessão 2 – O debate internacional sobre a descolonização - Prof. Régis e Vainer

Módulo 2. Colonialidade e descolonização do pensamento sobre o território, região, a geografia, a natureza

Aula 3 – O pensamento sobre o espaço: território X região - Prof. Vainer e Prof. Renato

Aula 4 – Da natureza colonizada às lutas em defesa do território-corpo-terra – Fabrina?

Módulo 3. Modelos e formas de representação da cidade e territórios

Aula 5 – Circulação dos produtos culturais – Profa. Fernanda e Prof. Pedro

Aula 6 – A relação com o outro: a cidade irregular – Profa. Raquel e Profa. Ana

Módulo 4. O giro descolonial latinoamericano

Aula 7 – Bem viver, pluriverso e outras territorialidades – Raquel e Ana

Módulo 5. Raça, Gênero : marcadores nas representações e projetos de cidade

Aula 8 – Questões étnico raciais e o pensamento e prática sobre a cidade - Prof. Renato

Aula 9 – Cidades afrodiaspóricas – Prof. Agustin e Prof. Renato

Aula 10 – O planejamento urbano patriarcal e sua crítica – Profa. Paula

Aula 11 – Urbanismo interseccional, solidariedades e cuidado - Paula, Raquel e Ana

Módulo 6. Experiências de planejamento contra-hegemônico

Aula 12 – Experiências de planejamento urbano em contexto de conflitos – Profa. Simone e profa. Fernanda

Aula 13 – Experiências de auto gestão territorial – Vainer e Javier

Aula 14 – Ativismos cartográficos: possibilidades e desafios da produção cartográfica contra hegemônica – Prof. José Ricardo e Profa. Fernanda

Aula 15 –Palestra de fechamento – Prof Stavros Stavrides: Insurgências e comuns urbanos.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

Os estudantes serão avaliados a partir de sua participação em aula, incluindo as leituras obrigatórias, a apresentação de casos, e por meio do engajamento com a produção de um paper final, refletindo sobre uma experiência concreta de planejamento.

BIBLIOGRAFIA:

Abolitionist Planning for Resistance. Manifesto / pamphlet by planning students at UCLA, 2016.

ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2017. O Bem Viver como alternativa ao desenvolvimento (pp. 69- 88).

- ACSELRAD, H. (Org.). *Cartografia social, terra e território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ: Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais, 2013.
- ANGOTTI, Tom; MORSE, Sylvia. *Zoned Out: race, displacement and city planning in New York City*. New York, UR 2017.
- ARDITI, B. Las Insurgencias No Tienen un Plan – Ellas Son el Plan: Performativos Políticos y Mediadores Evanescentes. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v. 1, n. 2, 1-18: 2011.
- ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PESCADORES DA VILA AUTÓDROMO (AMPVA). *Plano Popular da Vila Autódromo: Plano de desenvolvimento urbano, econômico, social e cultural*. Rio de Janeiro, 2012, e 2017 (5ª. Ed).
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília , n. 11, p. 89-117, Aug. 2013 (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso)
- BIDASECA, K. Escritos en los cuerpos racializados. Lenguas, memoria y genealogías (pos)coloniales del feminicidio en América Latina. In: ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA. *Controversias y concurrencias latinoamericanas*. Journal of Latin American Communication Research, v.6, n. 9, abr. 2014, pp.41-66.
- BIDASECA, K. “Mujeres blancas buscando salvar a mujeres color café”: desigualdad, colonialismo jurídico y feminismo postcolonial. *Andamios*, v.8, n. 17, sept-diciembre 2011, pp.61-89.
- BHAN, G. Notes on a Southern Urban Practice. *Environment and Urbanization*, vol. 31, no. 2, pp. 639–654, 2019.
- COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução: feminismo negro, inetrseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, jan/jun. 2017, V,5, n.1, pp.6-17.
- CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: Cruz & Oliveira, D. A. (Orgs.). *Geografia e giro decolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento*. Rio de Janeiro : Letra Capital, 2017.
- DAVIDOFF, P. Advocacy and pluralism in planning. *Journal of the American institute of Planners*, 31, n.4, 331-338.
- DURAND, J. C. Negociação política e renovação arquitetônica: Le Corbusier no Brasil. *RBCS*, nº 16 ano 6, 1991.
- ESCOBAR, A. *Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes*. Popayán Enviñón Editores, 2010.
- FAINSTEIN, S. S.; SERVON, L. J. *Gender and planning: a reader*. Rutgers, The State University, 2005.
- FANON, F. *Les Damnés de la Terre*. Paris, François Maspéro, 1961 (Préface de Jean-Paul Sarte) (Versão em português disponível em <https://www.marxists.org/portugues/fanon/1961/condenados/index.htm>).
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002. Capítulos: 1o. “O Atlantico Negro como contracultura da modernidade” (pag. 33-100) e 2o. “Senhores, senhoras, escravos” (pag. 101-155)
- GOH, D. “Singapore, the State, and Decolonial Spatiality.” *Cultural Dynamics*, vol. 27, no. 2, pp. 215–226, 2015.

- GONSALES, T. A. Os conflitos da (favela da) Paz: Uma experiência de planejamento conflitual no contexto dos megaeventos em São Paulo. Dissertação de Mestrado, UFABC: 2015.
- GONZALEZ, L. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, pp.223-244. <21p>
- GROSFOGEL, R. "Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.) El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensa, 2007.
- HALL, S. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006. - Capítulos: Pensando a diáspora (pag. 25-49); Quando foi o pós-colonial? (pag. 95-120.).
- HEALEY, P. Collaborative planning in perspective. Planning Theory, vol 2 (2): 101-123, 2003.
- HOLSTON, J. Rebeliões metropolitanas e planejamento insurgente no século XXI. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Vol. 18 Issue 2, p191-204. 14p, 2016
- JAJAMOVICH, Guillermo. Miradas sobre intercambios internacionales y circulación internacional de ideas y modelos urbanos. Andamios, México , v. 10, n. 22, p. 91-111, agosto 2013.
- KING, A, D, Spaces of global cultures: architecture, urbanism, identity/ Anthony Douglas King. London, Routledge, 2004 (cap. 4).
- LAO-MONTES, A. "Para una Analítica de Formaciones Etnico-Raciales, Regimenes Racistas, & Políticas Raciales. In: Contrapunteos Diasporicos. Cartografías Políticas de Nuestra Afroamerica. Editorial Universidad del Externado: Bogota, Colombia, cap. 2, 2018.
- _____. Metrópolis Negras de Benin a Río de Janeiro y de Harlem a La Habana: Modernidades Afroamericanas y Cosmopolitismos Subalternos. (Conferencia Magistral, Casa de las Americas, La Habana, Cuba, Junio 2019).
- LARISSA, L.; HARKOT, M.; SANTORO, P. F.; ALHO, I. B.; BRITO, G. Despossessão, violências e a potência transformadora: um olhar interseccional sobre as remoções. In: MOREIRA, F. A.; ROLNIK, R.; SANTORO, P. F. *Cartografias da produção, transitoriedade e despossessão dos territórios populares. Observatório de Remoções. Relatório bianual 2019-2020*. São Paulo: LabCidade, 2020, pp. 147-179.
- LEGACY, C. Is there a crisis of participatory planning? Planning Theory, Vol. 16(4) 425–442, 2017.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- _____. Colonialidad y género. *Tabula rasa*, n. 09, p. 73-101, 2008.
- MARINO, A. 'Ocupas' e Insurgências na São Paulo do século XXI. Anais do XVII Enanpur, 2017.
- MASSEY, D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. In: *Geographia*. Niterói-RJ: Ano VI, n. 12, 2004.
- MBEMBE, A. and S. Nuttall (2004) Writing the world from an African metropolis. *Public Culture* 16.3, 347–72, 2004.
- MERRIFIELD, A. Amateur Urbanism. *CITY*, vol. 19, NO. 5, 753–762 2015

MIGNOLO, W. "La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisfério occidental en el horizonte colonial de la modernidad" (<http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/lander/4.pdf>).

_____. Os esplendores e as misérias da "ciência". Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) Conhecimento prudente pra uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado. São Paulo, Cortez, 2004, pp. 667-709.

_____. Os esplendores e as misérias da "ciência". Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In Santos, Boaventura de Sousa (org.) Conhecimento prudente pra uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado. São Paulo, Cortez, 2004, pp. 667-709.

_____. "La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisfério occidental en el horizonte colonial de la modernidad". In: Lander, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. (<http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/lander/4.pdf>)

MIGNOLO, W. D. PINTO, J. R. de S. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. Civitas, v. 15, nº 3, jul. set. 2015.

MIRAFTAB, F. (2009). Insurgent planning: Situating Radical Planning in the Global South. *Planning Theory*, v. 8(1): 32-50.

MIRAFTAB, F. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. *Rev. Bras. Estud. Urbanos reg.* (online), recife, v.18, n.3, p.363-377, set.-dez. 2016.

MUXÍ MARTÍNEZ, Z. et al. Qué aporta la perspectiva de género al urbanismo? *Feminismo/s* 17, pp. 105-129, 2011.

MYERS, G. *African Cities: Alternative visions of urban theory and practice*. London: Zed Books, 2011. Chapter one: What if the Postmetropolis is Lusaka? (p. 21-42)

NASCIMENTO, A. do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980. (Documento número 7)

OLIVEIRA, F.; SÁNCHEZ, F.; TANAKA, G.; MONTEIRO, P. *Planejamento e conflitos urbanos: experiências de luta*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

PARNELL, S.; PIETERSE, E. Translational Global Praxis: Rethinking Methods and Modes of African Urban Research. *International Journal of Urban and Regional Research*, 40(1), 236-246, 2015

PATEL, S. A. Decolonial Lens on Cities and Urbanisms: Reflections on the System of Petty Production in India. *Asia Research Institute Working Paper Series* Nº 245.

PIETERSE, E. Grasping the unknowable: coming to grips with African urbanisms, *Social Dynamics: A journal of African studies*, 37:1, 5-23, 2011.

PURCELL, M. (2009). Resisting Neoliberalization: Communicative Planning or Counter-Hegemonic Movements? *Planning Theory*. Vol 8(2), pp. 140–165.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In In Santos, Boaventura de Souza & Meneses, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Edições Almedina, 2009, pp.

_____. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina". In: Lander, Edgardo (org.) *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. Colonialidade do poder e classificação social. In In Santos, Boaventura de Souza & Meneses, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Edições Almedina, 2009, pp.

RANDOLPH, R. & GOMES, P. H. O. A contribuição da cartografia subversiva para o planejamento do espaço social. Caminhos para uma reflexão a respeito de “subversões” concretas. Scripta Nova. Vol. XIV, núm. 331 (29), 2010.

RANDOLPH, R. A nova perspectiva do planejamento subversivo e suas (possíveis) implicações para a formação do planejador urbano e regional – o caso brasileiro. X Coloquio Internacional de Geocrítica. Barcelona: 2008.

_____. Do planejamento colaborativo ao planejamento “subversivo”: reflexões sobre limitações e potencialidades de Planos Diretores no Brasil.; Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (17) (<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24517.htm>)

RENA, N. S. A.; BRANDAO, M. S. ; RENA, Alemar ; NEVES, B. . Cartografia enquanto método de investigação: uma conversa com Virgínia Kastrup. Revista Indisciplinar, v. 2, p. 17-30, 2016.

RENA, N. S. A; FRANZONI, J. A. ; FARIA, D. ; . . Nós entre tramas: cartografia indisciplinar na Izidora. Revista Indisciplinar, v. 2, p. 29, 2017.

ROBINSON, J. *Ordinary Cities: Between Modernity and Development*. London: Routledge, 006 (Intro, Chapters 4 and 5).

ROLNIK, R. Informal, ilegal, ambíguo: a construção da transitoriedade permanente. In: Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo, Boitempo Editorial, pp. 169-194, 2015.

ROY, A. Urban Informality: Toward an epistemology of planning. Journal of the American Planning Association, vol. 71, n. 02, 2005.

_____. Why India cannot plan its cities: informality, insurgence and the idiom of urbanization. Planning Theory, v. 8(1): 76-87, 2009.

_____. ‘Slumdog Cities: Rethinking Subaltern Urbanism’, International Journal of Urban and Regional Research, 35, 223–38, 2011.

SÁNCHEZ F. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Front Cover. Fernanda Sánchez. Argos, Editora Universitária, 2003.

SANDERCOCK, L. Debatendo o preconceito: a importância das histórias e de sua narração na prática do planejamento. In: Cadernos IPPUR, ano XIX, ½, jan-dez 2005, pp. 289-315.

_____. Making the invisible visible: a multicultural planning history. Berkeley: University of California Press, 1998.

SANTOS, B. de S. & MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. Coimbra, Edições Almedina, 2009. Introdução, pp. 9-19

SANTOS, B. de S. “Introdução: do pós moderno ao pós-colonial e para além de um e outro”. In: Santos, B. de S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. SP: Cortez, 2010.

_____. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Souza & MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Coimbra, Edições Almedina, 2009, pp. 23-71

SANTOS, R. E. (Org.). Questões Urbanas e Racismo. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. Petrópolis, RJ: 2012.

_____. Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica. II Semestre 2011. pp. 1-17.

SEGATO, R. L. “Inventando a natureza. Família, sexo e gênero no Xangô do Recife”. I

_____. Aníbal Quijano y la perspectiva de la colonialidad del poder. Revista Casa de las Americas, número 272. Buenos Aires, Argentina, 2013.

_____. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. In: e-cadernos ces, 18 (2012), Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical; pp.105-131 < 26p.>

SHIVA, V. Recursos Naturais. In: SACHS, W. (Ed.) *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 300-316.

SIMMEL, G. The Sociology of conflict. *American Journal of Sociology* 9 (1903): 490-525 (http://www.brocku.ca/MeadProject/Simmel/Simmel_1904a.html)

SIMONE, A. Urbanity and Generic Blackness. *Theory, Culture & Society*, 33(7-8), 183-203, 2016

SOJA, E. Thirdspace: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Cambridge, Mass. : Blackwell, 1996.

SONG, L. K. Race, transformative planning, and the just city. *Planning Theory*. Vol. 14(2) 152-173. 2015.

SPEAK, S. Planning for the needs of urban poor in the Global South: The value of a feminist approach. *Planning Theory*. Vol. 11(4) 343-360, 2012.

SPIVAK, G. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STAVRIDES, STAVROS – The City as Commons

TANAKA, G. Planejar para Lutar e Lutar para Planejar: Possibilidades e Limites de Planejamentos Alternativos. Rio de Janeiro: 2017 (tese de doutoramento defendida no IPPUR UFRJ).

TIBLE, J.; MORAES, A.; TARIN, B.. Cartografias da emergência: novas lutas no Brasil. FES, 2015.

TODOROV, T. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo, M. Fontes, 2003.

VAINER, C. Disseminating 'Best Practices': the coloniality of urban knowledge and city models". In PARNELL, S.; OLDFIELD, S. *The Routledge Handbook on Cities of the Global South*. New York, 2014.

VAINER, C. et al. O Plano Popular da Vila Autódromo: uma experiência de planejamento conflitual. Rio de Janeiro. Memória das Olimpíadas, Fundação Casa de Rui Barbosa. 2013.

VERGÈS, F. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

WATSON, V. 'The planned city sweeps the poor away...': Urban planning and 21st century urbanisation. *Progress in Planning*: 2009.

_____. Shifiting approaches to planning theory: global north and south urban planning. Vol 1, Issue 4, pp. 32-41, 2016.

YIFTACHEL, O. Critical theory and 'grey space': mobilization of the colonized. *City*, vol. 13, n.2-3, 2009.

